

Paraísos artificiais:
alteridades e práticas urbanas

DANILO PINHEIRO*

JEAN SOUZA ANJOS**

Resumo: Com base no enredo do filme *Paraísos artificiais*, mantendo uma interdependência teórica e conceitual com tal obra cinematográfica e as Ciências Sociais, o ensaio pauta-se em dois momentos. O primeiro centra-se na relação entre corporeidade, sociabilidade e contemporaneidade como prelúdio de uma crítica mais veemente a ser maturada no segundo momento. Neste segundo tópico aborda a relação entre espaço urbano, sociabilidade, drogadição e cultura juvenil. O enredo do filme permanece sempre em plano de fundo para ilustração do arcabouço teórico e como linha condutora dos argumentos. A associação entre indivíduo e drogadição é problematizada para além do espectro das *raves*, assim como a conturbada relação entre heteronomia e autonomia.

Palavras-chave: drogas; *rave*; corpo; juventude; espaço urbano.

Abstract: Based on the plot of the movie *Artificial Paradises*, keeping a theoretical and conceptual interdependence with such cinematographic work and the social sciences, the essay is guided in two stages. The first focuses on the relationship between body, sociability and present times as the prelude to a strong criticism to be matured in the second time. In the second topic focuses the relationship between urban space, sociability, addiction and youth culture. The plot of the film always remains in the background for illustration of the theoretical framework and as a conductive line of arguments. The association between individual and addiction become helpful issue beyond the spectrum of raves, as well as the troubled relationship between heteronomy and autonomy.

Key words: drugs; *rave*; youth; urban spaces.



* **DANILO PINHEIRO** é Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Docente do curso de Medicina da Universidade de Fortaleza (Unifor).



** **JEAN SOUZA ANJOS** é Pós-Graduado em Ciências da Religião pelo Instituto de Ciências Religiosas; graduando em Ciências Sociais (UFC)



Vidas encarceradas em códigos corporais e ilusões iluminadas: espectros da festa rave

O enredo do filme *Paraísos artificiais* é atravessado pelo movimento *rave* e o uso de drogas lícitas e ilícitas. O título é inspirado no livro de mesmo nome, de Charles Baudelaire, e a trilha sonora traz grandes nomes da música eletrônica.

A mulher e homem tem fome de sentidos. Estão sempre se movendo em busca de um sentido de seu viver; em outras palavras, devemos considerar aquilo que chamo *vontade de sentido* como um interesse primário do homem (FRANKL, 2005). E ainda Deleuze (2011) nos toma através de sentidos, onde tudo é corpo e corporal numa maneira esquizofrênica de viver a contradição, seja na fenda profunda que atravessa o corpo, seja nas partes que se encaixam e giram.

Paraísos artificiais expõe um corpo que pulsa e gira. A emoção visível e

invisível das não-razões, sair de si em si. E as consequências de um lugar da festa do corpo. Corpo para além do corpo. Corpo viajante e corpo comunhão. Um corpo sagrado, religado com a sua natureza biológica que não dispensa a morte. *Paraísos Artificiais* é memória de morte.

Novaes (2009) nos chama a atenção para conceber o mundo, o espaço, o tempo, a pessoa, a própria noção de imagem por meio de valores que guiam nosso olhar, nossa percepção e nossa representação, atividades que não são, portanto, universais ou naturais. Ora, o recurso fílmico, caro às Ciências Sociais, nos transporta em *Paraísos Artificiais* para uma experiência de corpo ao extremo. A música eletrônica, a festa, os corpos misturados, o sexo, o êxtase, o gozo e a violência são dinâmicas que rasgam o filme e dão sentido humano à realidade cinematográfica.

Se a vida cotidiana pode ser considerada um drama, *Paraísos Artificiais* nos chama à articulação de uma sociedade dramática que busca por sentidos em uma festa povoada por uma efervescência de danças, cores, cheiros, peles e paixões avassaladoras. Um mundo criado para a diversão sem limites. Um mundo mágico e imaginado para a celebração dos corpos. Uma integração coletiva, uma ocupação ritual entre uma vida espetacular e cotidiana; sagrado e profano residem ao mesmo tempo em todos os corpos. A vida pede pulsação. A batida do som é calor na pele. A violência assume o lugar e a festa rompe a vida até a morte.

Um movimento de luta por liberdade, uma liberdade condicionada ao gozo corporal, ao êxtase. E sem julgamentos ou moralismos, nossa sociedade busca meios imediatos através de drogas lícitas ou ilícitas, entre outros estímulos, para conseguir o transe. Essa experiência é constantemente significada como metafísica ou religiosa. (LEWIS, 1977).

Sentidos corrompidos ou exacerbação da vida social, somos impelidos a sentir a morte como o resultado da vida. A questão é a perda de si. Se as personagens fogem dos seus cotidianos em busca de uma encruzilhada de sentidos, elas encontram uma prisão rompida e uma residência em cárcere privado. Na colônia de presídios de uma só cela, que é o lugar do meio partido, a liberdade significa “*estar sempre pronto para a ansiedade*”. (BAUMAN, 2011).

Érika e Nando gozam o gozo dos amantes. Ocupam-se um ao outro dentro dessa atmosfera flutuante. Pulsos e impulsos corpóreos. Amor livre. Realidades contrastantes da festa que quebra do cotidiano. Um movimento frágil e inseguro dá lugar ao desejo sexual. Mas não há vínculos. A

modernidade é esfera do líquido e os laços não se concretizam. Do outro lado da praia outro alguém clama por vida. Esse movimento de vida e morte que não larga a narrativa. Conflitos da vida contemporânea. Mistérios da vida humana que transitam entre corpos. Solidões.

E é assim, levado por um suporte de signos, *Paraísos Artificiais* avança sua narrativa em culturas corpóreas que assuntam modos de vida e podem levar a um trajeto de morte. A morte do corpo e a morte social. A prisão. A vida encarcerada em códigos corporais e ilusões iluminadas; o espectro da festa *rave*. Um culto dramático a uma efemeridade temporal. Rituais e festas marcam o paradigma do mistério corpóreo e da própria comunhão dos corpos.

Le Breton (2012) nos indica que as representações sociais atribuem ao corpo posição determinada no seio do simbolismo geral da sociedade. Assim, o corpo é marca indiscutível da construção social do nosso tempo. A experiência humana e social passa pelo corpo e é atravessada por ele. Em *Paraísos Artificiais* os corpos transbordam em um carnaval revelador de vida e de morte. Uma experiência inefável de potência que escapa do processo disciplinador e que leva ao arrebatamento, tão caro às sociedades contemporâneas.

Entre o ‘mergulho em si’, o ‘fora de si’ e o ‘estar-junto’: diacronias da drogadição no tempo e espaço.

N'As *Formas Elementares da Vida Religiosa*, em meio à relatividade de valores ligados ao sagrado e ao profano em distintas culturas e épocas históricas, Durkheim (2000) indagava-se sobre uma forma elementar, um denominador comum para a compreensão do

fenômeno da religião. Haveria constâncias nas manifestações ao ponto de discernir o sagrado e o profano? O fato é que os rituais religiosos englobam condutas diversas, seja no extermínio de um para expurgação dos pecados (sacrifício), nos círculos e procissões (idolatria e politeísmo), nos rituais de procriação e perpetuação da espécie (orgias), nas visões entorpecidas de entidades apreendidas por um imaginário coletivo (uso de drogas), na punição autoinfligida por desacato aos princípios normativos (autoflagelação) ou no caráter bélico em defesa de um grupo (guerra), e enfim, sempre prevalece o substrato do 'nós'. Portanto a religiosidade não necessariamente se espelha em ídolos, templos, escrituras, doutrinas ou antrozoomorfismo. Dentre a mais saliente crise de loucura, o mais acintoso bacanal ou a letargia alucinógena, o sagrado encontra o seu denominador-comum no '*estar junto*'. Consequentemente, o profano não se revela na morte, no mistério, na loucura ou no sexo, e sim na desagregação, sendo a imagem mais próxima do caos absoluto, quando se findam os vínculos, as interdependências, os princípios de solidariedade orgânica.

As substâncias psicoativas são documentadas historicamente em diversos povos e épocas. Seu uso perpassou desde as questões sagradas nos usos comunitário e ritualístico, o uso terapêutico e, enfim, o uso militar para ferimentos de guerra, exaustão física e estresse pós-traumático. Dessa forma, se nas questões sagrada, medicinal e de guerra sempre haviam lideranças, tais posturas eram exercidas por indivíduos mais velhos, dotados de sabedoria via tradição oral tanto quanto experiência de vida. Estes líderes intermediavam a relação das substâncias psicoativas com seus súditos que, por serem seguidores, subentendiam-se

pessoas mais jovens desprovidas de conhecimentos ancestrais e da própria maturidade inerente à longevidade. Em suma, durante quase toda a história da humanidade a relação dos jovens com as drogas foi mediada por um ente mais velho, institucionalizando-se o uso de drogas via religião, medicina ou ofício da guerra. Através desse 'uso moral', em detrimento às sanções legais ou práticas hedonistas, era exercida forte heteronomia.

Portanto um dos grandes ineditismos nos séculos XX e XXI foi trazer à cena o jovem como ator social e a droga como grandeza diretamente proporcional; não somente a crescente demanda, e sim os diferentes usos e as substâncias sintéticas. A fusão entre juventude, práticas urbanas e capitalismo cedeu uma roupagem a deslumbrar os mais conservadores e confundir os mais vanguardistas: findados os woodstocks, o transgressor 'sexo, drogas e rock'n roll' e a força do 'Segundo Mundo', o que restou? Soava uma insustentável tendência, que alguns apreenderam como "resposta": se não mais o além do coletivismo, recuemo-nos ao aquém do intimismo! Não mais a natural cannabis, não mais o nostálgico comunitarismo... Agora são importadas a filosofia budista do Oriente, as drogas sintéticas do Ocidente, as entidades mitológicas, as tecnologias virtuais e as sociabilidades sinérgicas. Uma controversa espiritualidade pagã guiada pela farmacodinâmica dos neurotransmissores. A mesma DJ, que viaja para uma praia reclusa a sediar uma festa *rave*, é apresentada ao peyote, uma droga alucinógena extraída da flor do cacto, e também às metanfetaminas, não havendo portanto bandeira política para drogas naturais e tampouco exclusividade aos ácidos e estimulantes sintéticos.

Hodiernamente não há uso comunitário e nem ritualístico da droga. As danças são mais autênticas, porém solitárias, e as músicas não mais se alinham às causas políticas, amores platônicos ou coreografias para identificações coletivas. Nesse caso, a droga sintética e a música eletrônica convidam o indivíduo a mergulhar em si. A relação entre droga sintética e rave resguarda uma indução bioquímica e solitária ao prazer. Apesar disso, o filme *Paraísos Artificiais* retrata momentos de misticismo, de busca pelo auto-conhecimento e de “*bad trip*”, revelando dramas humanos por detrás das luzes e sonoridades das festas *raves*.

À medida que as experiências autorais e místicas ganham movimentos e explosões de sensualidade, o narcotráfico delimita tal autonomia mediante aliciamento pelo dinheiro, convivência e hierarquização. Mais do que idiosincrasias proibicionistas, reverberam-se as induções extrínsecas ao prazer e ao mergulho em si. Com o próprio filme insinuando séries de paradoxos, intitulando-se inclusive como *Paraísos Artificiais*, a dinâmica neurológica entre serotonina, endorfina e dopamina aparenta ser o único princípio de ação-e-reação previsível e mensurável no fenômeno das *raves*.

A festa eletrônica, apesar de nomenclaturas envoltas pela psicodelia, tribo e *new generation*, representa a apropriação capitalista na esfera dos sentidos e desejos. O acesso ao local e sua consequente locação, o empresariado por detrás da música eletrônica, a oferta das drogas lícitas e ilícitas e o perfil consumidor descrito como jovens das classes A e B flagram miríades de consumo. Ao mesmo tempo os acampamentos, os cenários exóticos, o tom festivo e espontâneo, o enaltecimento à sensorialidade e à

emotividade e a exposição de produções artísticas escamoteiam toda essa produção capitalista do espaço em Harvey (2003), onde nem se é urbano e nem rural, ou sequer um ‘*não-lugar*’, restando os recantos anômalos de um “*universo paralelo*” (alusão a um famoso festival de música eletrônica na Bahia) e outras paragens e estrangeirismos de apelo ao ‘*magic*’, ao ‘*dream*’, ‘*kaballah*’, ‘*spirit*’, etc. Neste contexto, o espaço dota-se como estratégia de *significação*, pois não se trata de mero espaço físico e tampouco um espaço seletivo e monetarizado, mas sim o ‘*meu*’ espaço, a ‘*minha*’ tribo, onde me *aposso* à medida que há vazão dos meus desejos.

Fractal e diacronicamente, a droga adentra tal dinâmica e isenta-se das simetrias perpendiculares. Não há pureza de forma, nem de conteúdo. A comunidade extravasa-se, a arte extravasa-se, a sociabilidade, a natureza, a droga, o desejo... A rave seria a alusão certa para o *valor fractal* em Baudrillard (1990), que transcende o ‘*valor de uso*’, o ‘*valor de troca*’ e o ‘*valor-signo*’. Metástase de significados a transcenderem a essência, e isso ocorre na política, no sexo, na arte, nas redes sociais e no capital especulativo; a *virulência* e a *metástase* como metáforas da profusão do real rumo ao virtual, gerando uma dimensão *fractal*...

Na atmosfera das raves vemos práticas urbanas transplantadas para cenários rurais, naturais, exóticos. Práticas urbanas sem cenários e sem protagonistas. Historicamente Sennett (2001) traçou uma dialogada modelação entre cidade e corpo, seja nos espaços de sociabilidade e entretenimento, nas concepções fisiológicas e medicinais a recomponem traços urbanistas, nas categorizações e hierarquizações dos espaços segundo gênero, etnia e faixa

etária ou, por fim, nas percepções dos corpos como contingente de mão de obra a serviço do capital. Em diferentes momentos da história das cidades, a carne se prestava à concretude e a pedra se moldava às demandas da carne. Mas na atualidade das sociabilidades virtuais e presenças efêmeras, inexistente unidade arquitetônica, mote ideológico ou identidade artística. A arte é o mero expressionismo, a ideologia não se mune mais com bandeira nacionalista ou partidária e a arquitetura não tem mais unidade e nem funcionalidade, apenas conveniências.

Convulsionada conceitualmente e operacionalmente, esta concepção do 'estar junto' remonta-se ao vocábulo *comunidade*. Ora comunidade num sentido crasso e obsoleto, ora tribo numa alusão mais desprendida e vanguardista, o fato é que o ser humano, independentemente de épocas ou culturas, teme o desengajamento conjecturado por Bauman (2003). Afora as concepções mais clássicas de territorialidade, clã, corporativismo, memória coletiva ou identidade religiosa, a dificuldade em definir e mapear os novos comunitarismos gera graus de abstração e imprecisão, oscilando desde as 'tribos' das raves até as pequenas cidades do semiárido nordestino. Contudo essa sensação de desenraizamento solapa as pequenas cidades do semiárido nordestino tanto quanto as tribos simpatizantes das raves, e não é à toa que a palavra atualmente em voga entre os jovens de diferentes meios é o 'ecletismo', que deixa escapar pela tangente o peso de se comprometer com algum conceito ou um mero estilo...

Hoje é fácil constatar que faltam causas 'unas', que não significam mero "cimento moral", e sim promovam identificação da sociedade com o

próprio indivíduo e entre os indivíduos. Portanto não se trata de patriotismo bairrista, comunitarismo claustrofóbico, religiosidade paroquiana, patriarcalismo bélico ou tradicionalismo autômato... Afora tais referenciais, resta-nos o que? O que teria força o suficiente para unir os indivíduos? O que seria menos supremo e mais resoluto do que a autonomia? Ao mesmo tempo que os valores do passado mostram-se desfalecidos, afloram-se no horizonte outras comarcas valorativas, como as noções de bioética, saúde e cuidado de si, educação inclusiva, democracia e participação social, movimentos sociais, inclusão digital, Direitos Humanos, meio ambiente, alteridade e direito à diferença, liberdade civil. Tais espectros valorativos transcendem o *hardware* das instituições seculares e densas. Enfim, não mais o partido, a família patriarcal, o estado, a igreja, o poder militar ou a comunidade norteiam discursos e condutas. E ao jovem resta a pergunta: apoiar-se em que? Nas heranças do passado ou nas promessas de futuro?!

Na abordagem de dois contextos – nordeste brasileiro e Amsterdã – férteis para análise em *Paraísos Artificiais*, simpatizantes dos festivais de música eletrônica instauram numa praia reclusa do nordeste tal forma de entretenimento e socialização, comparável aos eventos cosmopolitas das casas noturnas holandesas. Dessa forma, mesmo nas comunidades do semiárido nordestino, muitas vezes afastadas de panoramas citadinos monetarizados, virtuais e acelerados, as substâncias psicoativas adentram uma cultura juvenil que não mais se identifica com os valores de outrora, mas não consegue apalpar 'causas' postas em certames ou ainda futuras.

Nesse terreno movediço de incertezas, somado à histórica miséria social do

semiárido nordestino e suas heranças heterônomas de autoritarismo estatal, patriarcalismo e cristianismo, concebe-se um indivíduo inapto ao desfrute da autonomia, do hedonismo e da linguagem metafórica e sinestésica das raves. Resta-lhe simplesmente o resto, a sobra da 'viagem' psicodélica, as migalhas pétreas do narcotráfico, que são as pedrinhas de crack. Seja o 'mergulho em si' na atmosfera das raves ou a 'fuga de si' na vulnerabilidade social associada ao crack, o narcotráfico espreita-se e cede um viés capitalista e heteronômico ao uso da droga e à cultura juvenil, seja em Amsterdã ou no nordeste brasileiro. A droga não deveria ser experienciada como 'fuga de si' e tampouco como 'mergulho em si', e sim como um encontro ao nós!

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **A Transparência do Mal: ensaio sobre os fenômenos extremos**. Campinas-SP: Papirus, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt. A reinserção dos desenraizados. In: _____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- _____. **Vida em fragmentos**: sobre ética pós-moderna. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FRANKL, Victor E. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Tradução de Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2005.
- HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LEWIS, Ioan. **Êxtase Religioso**. Tradução de José Siqueira de Madureira. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem e ciências sociais: trajetória de uma relação difícil. In: BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana (Orgs.). **Imagem-conhecimento: Antropologia, cinema e outros diálogos**. Campinas: Papirus, 2009. p. 35-59.
- PARAÍSOS Artificiais. Direção: Marcos Prado. Nossa Distribuidora / RioFilme, 2012 (96 min.), NTSC, color.
- SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Recebido em 2014-11-20
Publicado em 2014-12-10